

Diagnóstico errado dificulta tratamento

Médica do Departamento de Virologia Clínica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (SP), Gelse Mazzoni Campos acredita que a desinformação é o problema mais grave no tratamento da hantavirose. De acordo com ela, o diagnóstico é confundido com outras doenças e por isso o paciente recebe atendimento errado. Em 2002, a médica realizou um estudo sobre a ocorrência de casos de hantavirose no município paulista de Ribeirão Preto, onde, em quatro anos, 31 pessoas foram contaminadas e apenas nove sobreviveram. “Ninguém garante que a doença surgiu agora. Ela pode ter sido subdiagnosticada durante todo esse tempo, como uma síndrome pulmonar.”

Outra dificuldade da doença é definir um perfil das áreas de contágio. A especialista explica que em cada região, apesar das características diversas, a doença surge sem que se possa antecipar a ocorrência e fazer um trabalho preventivo eficiente. “Mas uma coisa é certa: o desequilíbrio ambiental causado pelo homem está entre as principais causas”, garante.

Angústia

A família de José Valderi do Nascimento, 22 anos, que morreu no último domingo, não se conforma e reclama da falta de informações sobre a doença rara. “Ninguém nunca

foi em casa nos orientar”, afirma André Nascimento, 18, primo de José, que vivia com a família na colônia agrícola Nova Betânia, em São Sebastião. O corpo do rapaz foi enterrado ontem no Cemitério Campo da Esperança.

A diretora da Vigilância Epidemiológica, Disney Antezana, confirmou a falta de uma rotina de visitas na área. “Como se pode visitar uma área rural se não há suspeitas?”, questiona a diretora. “Ele (José) procurou atendimento só na noite de domingo depois de passar mal no sábado. Foi falha do paciente”, conclui. O exame que comprovará ou não se o morador da zona rural de São Sebastião foi contaminado pelo hantavírus deve chegar em 15 dias.

Ainda nesta semana, a secretaria pode conhecer o resultado de análises feitas nas vísceras de Irene da Silva Rosa, de 24 anos, que morreu em 2 de julho no Núcleo Rural Nova Esperança, na Ceilândia. A família aguarda o resultado ansiosa. “Vivemos um pesadelo. A morte dela nos deixou horrorizados e preocupados”, revela a irmã mais velha, Zilda Rosa de Jesus, 29, durante as palestras feitas pela secretaria no núcleo rural. Ela ouviu atenta as orientações para repassá-las a vizinhos e parentes. “Não quero perder mais ninguém por esse mal.” (MF e KM)



ZILDA (E) E DINALVA: FAMÍLIA AGUARDA RESULTADOS DE EXAMES EM IRENE

O MAPA DA DOENÇA

Três mortes por hantavirose já foram confirmadas no Distrito Federal



ANÁLISE DA NOTÍCIA

Uma batalha brasileira

CARLOS ALEXANDRE

DA EQUIPE DO CORREIO

Já se passaram 60 dias desde a morte de Denifer Quintanilha Utiwma, a primeira vítima de hantavírus no Distrito Federal. Ainda é cedo para saber a extensão da doença que se tornou um pesadelo em São Sebastião e preocupa moradores de outras cidades, como Ceilândia. Mas o anúncio de que toda a zona rural do DF está em risco é suficiente para soar o alerta.

Assim como ocorreu com a dengue, Brasília precisa tomar consciência de que enfrenta um mal grave. Somente com a participação de toda a sociedade será possível afastar o risco da doença. O governo faz sua obrigação ao lançar uma campanha de conscientização e formar equipes especializadas.

O brasileiro também tem o seu papel a cumprir como cidadão. Limpeza de terrenos e armazenamento correto do lixo são medidas que estão ao alcance da comunidade. Esse é o conceito de saúde pública: um bem de todos, a ser mantido por todos.